Carta do cárcere

Mahmoud Khalil

19/03/2025

Uma carta ditada por telefone pelo líder estudantil norte-americano detido pela Polícia de Imigração e Alfândega dos EUA



Imagem: Mohammed Abubakr

1.

Meu nome é Mahmoud Khalil e sou um prisioneiro político. Estou escrevendo para você de um centro de detenção na Louisiana, onde acordo em manhãs frias e passo longos dias testemunhando as injustiças silenciosas em andamento contra muitas pessoas impedidas das proteções da lei.

Quem tem o direito de ter direitos? Certamente não são os humanos amontoados nas celas aqui. Não é o senegalês que conheci que foi privado de sua liberdade por um ano, sua situação legal no limbo e sua família a um oceano de distância. Não é o detento de 21 anos que conheci, que pisou neste país aos nove anos, apenas para ser deportado sem sequer de uma audiência.

A justiça escapa aos contornos das instalações de imigração desta nação.

Em 8 de março, fui levado por agentes do DHS [O Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos] que se recusaram a fornecer um mandado e abordaram minha esposa e eu quando voltávamos do jantar. Até agora, as filmagens daquela noite foram tornadas públicas. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, os agentes me algemaram e me forçaram a entrar em um carro sem identificação. Naquele momento, minha única preocupação era com a segurança de Noor.

Eu não tinha ideia se ela também seria levada, já que os agentes ameaçaram prendê-la por não sair do meu lado. O DHS não me disse nada por horas – eu não sabia a causa da minha prisão ou se estava enfrentando deportação imediata. No 26 Federal Plaza, dormi no chão frio. Nas primeiras horas da manhã, os agentes me transportaram para outra instalação em Elizabeth, Nova Jersey. Lá, dormi no chão e me recusaram um

cobertor, apesar do meu pedido.

2.

Minha prisão foi uma consequência direta do exercício do meu direito à liberdade de expressão, pois defendi uma Palestina livre e o fim do genocídio em Gaza, que recomeçou com força total na segunda-feira à noite. Com o cessar-fogo de janeiro agora quebrado, os pais em Gaza estão mais uma vez embalando mortalhas para crianças muito pequenas, e as famílias são forçadas a aguentar a fome e o deslocamento contra as bombas. É nosso imperativo moral persistir na luta por sua liberdade completa.

Nasci em um campo de refugiados palestinos na Síria, em uma família que foi deslocada de suas terras desde a *Nakba* de 1948. Passei minha juventude próximo, mas distante, da minha terra natal. Mas ser palestino é uma experiência que transcende fronteiras. Vejo em minhas circunstâncias semelhanças com o uso de detenção administrativa por Israel – prisão sem julgamento ou acusação – para privar os palestinos de seus direitos.

Penso em nosso amigo Omar Khatib, que foi encarcerado sem acusação ou julgamento por Israel ao retornar de uma viagem. Penso no diretor do hospital de Gaza e pediatra Dr. Hussam Abu Safiya, que foi capturado pelos militares israelenses em 27 de dezembro e permanece em um campo de tortura israelense até hoje. Para os palestinos, a prisão sem o devido processo é comum.

Sempre acreditei que meu dever não é apenas me libertar do opressor, mas também libertar meus opressores de seu ódio e medo. Minha detenção injusta é indicativa do racismo antipalestino que tanto o governo de Joe Biden como o governo de Donald Trump demonstraram nos últimos 16 meses, enquanto os EUA continuaram a fornecer armas a Israel para matar palestinos e impediram a intervenção internacional. Por décadas, o racismo antipalestino impulsionou esforços para expandir as leis e práticas dos EUA que são usadas para reprimir violentamente palestinos, árabes-americanos e outras comunidades. É exatamente por isso que estou sendo alvo.

3.

Enquanto aguardo decisões legais que colocam o futuro da minha esposa e filho em jogo, aqueles que permitiram minha prisão permanecem confortavelmente na Universidade de Columbia. Os presidentes Shafik, Armstrong e Dean Yarhi-Milo prepararam o terreno para que o governo dos EUA me atacasse, disciplinando arbitrariamente estudantes pró-palestinos e permitindo que o *doxing* viral – baseado em racismo e desinformação – passasse despercebido.

A Universidade de Columbia me escolheu como alvo por meu ativismo, criando um novo escritório disciplinar autoritário para contornar o devido processo e silenciar os alunos que criticavam Israel. A Universidade de Columbia se rendeu à pressão federal ao revelar registros estudantis ao Congresso e cedendo às últimas ameaças do governo Donald Trump. Minha prisão, a expulsão ou suspensão de pelo menos 22 alunos da Universidade de Columbia – alguns tiveram seus diplomas de bacharelado retirados apenas algumas semanas antes da formatura – e a expulsão do presidente da SWC [Estudantes Trabalhadores da Columbia], Grant Miner, na véspera das negociações do contrato, são exemplos claros.

No mínimo, minha detenção é uma prova da força do movimento estudantil em mudar a opinião pública em direção à libertação palestina. Os estudantes estão há muito tempo na vanguarda da mudança – liderando a acusação contra a Guerra do Vietnã, estando na linha de frente do Movimento pelos Direitos Civis e impulsionando a luta contra o apartheid na África do Sul. Hoje, também, mesmo que o público ainda não tenha compreendido completamente, são os estudantes que nos conduzem em direção à verdade e à justiça.

O governo de Donald Trump está me alvejando como parte de uma estratégia mais ampla para suprimir a dissidência. Portadores de visto, portadores de green card e cidadãos serão todos alvos por suas crenças políticas. Nas próximas semanas, estudantes, defensores e autoridades eleitas devem se unir para defender o direito de protestar pela Palestina. Em jogo não estão apenas nossas vozes, mas as liberdades civis

fundamentais de todos.

Sabendo plenamente que este momento transcende minhas circunstâncias individuais, espero, no entanto, ser livre para testemunhar o nascimento do meu primeiro filho.

***Mahmoud Khalil** é um dos líderes do movimento palestino na Universidade de Columbia. É mestre pela Escola de Assuntos Públicos e Internacionais da Universidade de Columbia*.

Via A Terra é Redonda.

Tradução: **Sean Purdy**.

Compartilhe nas redes: